

Educação Infantil: Integração e Formação Sob o Prisma de um Novo Contexto

Área Temática de Educação

Resumo

Este artigo trata das interrogações e das angústias por mim vivenciadas e, pelos relatos de situações análogas por profissionais que pude contemplar em oratórias públicas. Ao observar tantos educadores/professores buscando uma formação continuada percebi a carência e a falta de oportunidade dos demais funcionários das instituições de Educação infantil de se atualizarem e que de acordo com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, todos que lidam com crianças são denominados educadores infantis, portanto havendo real necessidade desses (servidores) estarem também em formação. Num primeiro momento, descobri que era preciso despertar nos servidores a necessidade da formação em serviço, e quais as transformações e trajetórias passariam as creches e concluí que era salutar recuperar e descobrir alguns pressupostos que fundamentariam a prática desenvolvida por esses servidores na instituição e que a melhor conduta e postura adotada seria aquela que beneficiasse a criança como cidadã, pois possuem direitos, agora assegurados constitucionalmente e regulamentados por lei.

Autora

Professora Esp. Georgea Suppo Prado Veiga de Mello, Especialização: Lato Sensu em Psicopedagogia

Instituição

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Palavras-chave: criança; educação-infantil; formação em serviço.

Introdução e objetivo

Com os avanços ocorridos na área da educação infantil, respeitando a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, promulgada em dezembro de 1996, que estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990) o qual estabelece que a educação infantil deve ser oferecida com qualidade. É sentimento coletivo a necessidade de estar oportunizando aos servidores que lidam diretamente com essas crianças, e que na maioria não possuem formação adequada, juntamente com os acadêmicos do curso de Pedagogia a possibilidade de ampliar e propiciar a compreensão do desenvolvimento infantil, levando em consideração os aspectos sociais, afetivos, cognitivos e motor das crianças. Como cita Craidy e Kaercher, as experiências da educação infantil precisam ser muito mais qualificadas. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação, por isso a grande preocupação em estar oferecendo esta formação.

Então, em parceria firmada com a Secretaria Municipal de Educação Cultura Desporto e Lazer de Paranaíba, que já enxergava com bons olhos esta formação e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/ Paranaíba que tem dado notória contribuição à sociedade, foi proposto com muito empenho e vontade a desenvolver o presente projeto de

extensão, atendendo num primeiro momento os quatro Centros de Educação Infantil da Rede Municipal de Paranaíba que atendem em média quatrocentas crianças em período integral, com o intuito de criar com a comunidade vínculos que possibilitem mudanças de comportamento e atitudes nos funcionários já que estes não estão habilitados, mas possuem vasta experiência e que precisa ser aperfeiçoada no trato com as crianças. Conforme Adriani Freire, a concepção de criança que é adotada a considera como um sujeito histórico, que nasce num tempo, numa classe social e num determinado contexto sociocultural. Sendo assim, ela não será um cidadão do futuro, se não for concebida como um sujeito no presente. O conceito de infância, nesse sentido, traduz-se no mundo do presente, dos direitos, dos desejos, das opções e da mudança, sendo a criança não uma espectadora desse tempo, mas um sujeito ativo do processo, portanto precisam estar em contato com pessoas capacitadas que lhes possam proporcionar tudo o que foi dito anteriormente.

Assim sendo, têm-se como objetivos aproximar, transformar e dar condições para que os educadores/funcionários, que atuam com as crianças, percebam o seu papel nas situações de ensino e aprendizagem, que suas ações sejam planejadas com uma intenção e busquem na formação em serviço, alternativas que possam ajudá-los encontrar, formular, questionar e desempenhar melhor suas funções dentro da instituição de educação infantil, já que estes também são considerados educadores, organizando assim sua prática educativa e contribuindo para a melhoria e qualidade no atendimento às crianças de zero a seis anos.

Metodologia

Com base em pesquisa realizada anteriormente e também pelo presente trabalho efetuado nas referidas instituições, constatou-se que uma grande parte dos servidores tem elevada dificuldade e pouca habilidade para ler, escrever e, por serem extremamente tímidos, decidiu-se adotar e empregar procedimentos que os tornem executores mesmo sem que percebam, expondo parte do que pensam, com isso ter-se-á oportunidade de elencar alguns pontos que fundamentam suas práticas cotidianas em relação ao correto atendimento as crianças, e a partir daí fazer-se os encaminhamentos dos temas que serão desenvolvidos em encontros quinzenais com duração de quatro horas dentro da própria universidade.

A educação infantil passa a ser entendida não mais como assistencialista e caridosa para as crianças menos favorecidas, mas sim como um espaço educacional e de formação para a cidadania. Com isso, o papel do adulto que interage com a criança no cotidiano do espaço de educação infantil é fundamental para garantir a qualidade no atendimento que ora fica proposto. Conforme Craidy, o profissional da educação infantil deve tratar todas crianças com igual distinção, atenção e principalmente a distribuição equânime de atividades. Isto implica não elogiar apenas uma criança (a mais simpática, a mais cheirosa, por exemplo), em detrimento das outras, que podem se sentir rejeitadas, caso não recebam o mesmo tratamento. As atenções e os elogios devem ser dados a todas, não importando a cor da pele, a condição social, se são meninos ou meninas, se tem este ou aquele credo religioso ou ainda se pertencem à determinada família. Os adultos, que como vimos anteriormente também podem estar padecendo do mesmo mal que é o sentimento de rejeição que vem transportado desde a sua infância e juventude e por isso devem ser preparados para evitar qualquer fala ou ação que possa dar margem a atitudes preconceituosas ou discriminatórias em relação a pessoas ou grupos. Em face disso, trataremos de temas como:

A instituição e a família. Como o objetivo maior é atender bem as crianças precisamos entender essa tão difícil relação Creche X Família, de um lado mães ausentes (pela imperiosa necessidade do trabalho), que acabam deixando a formação de seus filhos por conta dos educadores, do outro lado, educadores insatisfeitos com a ausência e falta de preocupação das famílias, configurando-se um quadro de incomunicabilidade, tornando hostil a relação e prejudicando o desenvolvimento das crianças. Pergunta-se, quais são os caminhos para

reverter essa situação? Os pais precisam interagir com a instituição, necessitam conhecer o modelo pedagógico proposto, o servidor tem que, juntamente com toda equipe pedagógica conhecer, praticar e vivenciar essa proposta, e somente assim conseguirá que os pais sintam segurança e confiança ao confiarem seus filhos na instituição.

A creche como serviço. É imprescindível que se deixe claro que a creche permanece sendo um serviço indispensável pelos valores que consegue juntar e fixar (educativos, sociais e científicos). Contudo, os servidores precisam ser conscientizados que o trabalho desempenhado dentro da instituição de educação infantil é realmente de relevância.

Os novos desafios da educação infantil. É necessário ter claro em nossas discussões que a educação infantil é um direito assegurado a toda criança de zero a seis anos e que o município, o estado e a união são responsáveis por criar situações e condições para que este serviço seja oferecido.

Organização do espaço. Respeitar o local onde se esta e trabalhar com os limites que esses lugares oferecem, o que não se pode é cruzar os braços e esperar que milagres aconteçam.

Adulto frente à criança. Deve-se discutir e refletir em cima de uma relação onde prevaleça o respeito, em que a afetividade seja primordial para a construção dessa relação. De Vries nos diz que as crianças pequenas podem ser descritas como realistas morais, porque seu julgamento sobre certo e errado, bom e mau, estão baseados naquilo que lhes é observável e real. Por isso a obediência que emerge por afeição e apego e por isso é de qualidade diferente. Ao invés de ser imposta por coerção, resulta do apelo do adulto à cooperação da criança.

Trabalhadores da cozinha e da limpeza também são educadores. Este tema é o carro chefe, a partir do momento em que os funcionários incorporarem a sua função o entendimento de que também são educadores obter-se-á grandes avanços relacionados a auto-estima dos funcionários bem como, a construção da autonomia nas crianças.

Adaptação. O ingresso das crianças na instituição é um período delicado tanto para criança, quanto para a família e para os educadores que deverão estabelecer o primeiro contato de maneira prazerosa, respeitando as características de cada um. Deixar que os pais participem desse período é um fator importante. A criança precisa sentir-se segura no local e saber que os responsáveis (pais) se ausentarão temporariamente, mas voltarão para buscá-la no final do período, os pais também precisam demonstrar confiança ao deixar seu filho sob a guarda de outra pessoa (instituição).

Faz-de-conta. Sensibilizar os cursistas (funcionários e acadêmicos) que mesmo sem terem a formação de magistério, devem com sua experiência, trocar histórias com as crianças e fazer deste ato um momento de prazer e não um mero ritual didático.

Limites. Procurar-se-á desenvolver e construir a autonomia nas crianças. Intrinsecamente e sem maiores conflitos, serão colocados os limites necessários para o bom relacionamento entre a criança e o funcionário.

Agressividade. Por quê mordem? Por quê brigam? Por quê não respeitam as pessoas que cuidam deles? Quantas dúvidas? Quais os caminhos que devem ser traçados para desenvolver o respeito, o carinho e a afetividade como mútuo entre as crianças e os funcionários?

Hora do lanche. É um momento muito especial, além de atender as necessidades fisiológicas das crianças é um espaço rico para compartilhar experiências interpessoais, o adulto deve criar situações para que a criança escolha com quem deseja sentar, a quantidade de comida que deseja ingerir naquele instante, encorajando sua interação com os outros colegas, não esquecendo que alimentar é um ato também social e que esses momentos podem e devem ser ricos em trocas de informações, curiosidades, etc.

Descanso. Craidy e Kaercher ressaltam que o sono não deve ser entendido sempre da mesma maneira para cada faixa etária, pois cada criança possui um ritmo próprio em relação

às horas de sono de que necessita para o descanso, algumas escolas infantis costumam obrigar às crianças dormirem após o almoço, não respeitando assim as necessidades individuais de cada uma delas. Sabe-se que a hora do repouso é necessária, principalmente entre as crianças menores, porém elas relutam em aceitar esse momento, então teremos que tentar conciliar esse momento com a rotina diária, promovendo nesta hora um ambiente silencioso, tranquilo, confortável, salientando que o cochilo os torna mais saudáveis e felizes e que para as crianças maiores seja dada a alternativa de dormir ou não, entretanto elas deverão aprender a respeitar o sono dos colegas evitando algazarras.

Choro. O que fazer com a criança que chora tanto? Craidy orienta a saber ouvir os diferentes tipos de choro e não generalizá-los, o adulto fica muito inseguro com o choro, chegando a manifestar irritação em determinadas situações e com isso não consegue solucionar o que está causando tanta ansiedade na criança.

Tirando as fraldas e controlando os esfíncteres. Somos todos iguais? Temos as mesmas vontades ao mesmo tempo? Então deve-se rever a prática de colocar as crianças todas ao mesmo tempo para realizar suas necessidades fisiológicas, será que se está contribuindo para a construção da autonomia de alguém determinando a hora certa de fazer ou não suas necessidades?

Banho, escovar os dentes. Vale lembrar que não existe uma receita ideal para esses momentos, entretanto sabe-se também que não é tarefa fácil orientar, ajudar, e promover um ambiente em que as crianças sejam estimuladas a desenvolver bons hábitos de higiene sem fazer uso do famoso “sermão”, o que se pretende com essa discussão é levar a criança a experimentar as sensações de prazer que o cuidado com a higiene pessoal proporciona.

Higiene Ambiental. Deve-se ser educadores sim. Por isso é da maior responsabilidade criar um ambiente limpo, arejado, que as janelas sejam abertas, que o sol se faça presente, que o lixo fique no lixo, que paredes, pisos e brinquedos estejam sempre limpos e em ordem.

Problemas de saúde mais frequentes. Febre, assadura, piolho, sarna, diarreia... algumas medidas cautelares e noções sobre o tratamento e como não deixar que se proliferem, a instituição de educação infantil deverá comunicar aos pais e se necessário encaminhar para um posto de saúde, quando for observado qualquer anormalidade.

Montar-se-á o cronograma com as datas previstas para os encontros, respeitando os feriados e viabilizando alternativas para que o projeto de extensão tenha duração de sessenta horas e sua culminância no final do ano de 2004. Elaborar-se-á o contrato didático que conterá as regras que serão respeitadas durante os encontros e que também poderá ser revisto conforme necessidade do grupo. Quando se fala em contrato quer-se, também, fazer a transposição para a prática educativa, pois o contrato funciona também com as crianças. No momento oportuno deverá ser enfatizado para os servidores a necessidade de dentro de sua instituição formularem com toda equipe o contrato didático que norteará o trabalho, determinando funções, direitos e deveres, responsabilidades e nunca deixando de lado a principal característica do cliente criança, ou seja, a afetividade, sem a prioridade a esse fator, ou se for deixado de lado não se terá a possibilidade de contribuir com uma formação cidadã, onde essas crianças possam se tornar sujeitos críticos, criativos, autônomos, responsáveis, cooperativos e participantes.

Momentos de descontração, com dinâmicas pertinentes ao tema, serão planejadas para o início dos encontros pelas colaboradoras do projeto (as acadêmicas do curso de pedagogia), com a intenção de deixar que façam uso da linguagem corporal, artística e plástica (já que são muito tímidos), transformando num momento em que poderão extravasar um pouco da ansiedade e nervosismo, possibilitando integração entre todos os participantes.

Sabendo das dificuldades dos servidores em relação à leitura e escrita e tendo também como participantes do projeto, acadêmicos do curso de pedagogia, precisa-se de estratégias que consigam segurar com efetiva motivação os dois públicos. O primeiro (servidor), já terá a

prática em lidar com a criança, o segundo (acadêmico), ingresso na universidade, já detém algumas teorias, porém, estão distantes da realidade, assim resultar-se-á em situações onde os servidores demonstrariam como trabalham, através de dramatizações, danças, recortes de revistas de situações que ilustrem sua prática e confecção de cartazes e, os acadêmicos, participariam e ficariam, também, nos bastidores fazendo os questionamentos sobre suas dúvidas para uma posterior reflexão e contextualização dentro daquilo que fará parte pedagógica da formação em serviço.

Utilizar-se-ão recursos visuais como: slides, gravuras, fotografias e filmes que servirão de suporte para ilustrar, incrementar e ressignificar a prática pedagógica.

Resultados e discussão

Num primeiro momento descobriu-se as expectativas do grupo, ou seja, o que realmente eles tinham por necessidade, curiosidade e vontade de estar em contato para um maior rendimento dentro do seu trabalho. Pode-se observar que as dúvidas em relação ao cuidar e educar estão bem presentes quando relatam que não precisam “olhar”, “cuidar”, “falar”, “ensinar”, pois os professores têm essa função, o que já é um equívoco, afinal eles passam a maior parte do tempo em contato com elas, tornando-se assim modelo e referência nas condutas e atitudes frente às crianças.

Aparentemente pequenos resultados têm sido detectados, nos encontros já acontecidos percebe-se o interesse dos acadêmicos em estar vinculados ao projeto, demonstrando interesse, estudando antecipadamente os temas que serão desenvolvidos, planejando com desenvoltura as dinâmicas que ficaram sob suas responsabilidades. Em contato através de visitas as instituições dos servidores que estão participando da formação, alguns professores relataram ter percebido algumas alterações iniciais na conduta de tais servidores, como proposta para que as refeições sejam efetuadas de uma maneira diferente, ao se dirigirem às crianças estão falando mais baixo, participam das histórias contadas pelos professores, demonstram preocupação em estar relatando aos outros servidores que não estão participando o que vem acontecendo nos estudos. Isso faz sentir a relevância e evidencia a importância do presente projeto para os servidores, tanto no aspecto moral como social.

Quando se trabalha com valores que já estão enraizados, sabe-se da dificuldade em transformá-los, porém, com os relatos e com as discussões pode-se observar que tudo aquilo que está relacionado ao ser humano não pode ser deixado adormecer, tem que estar sempre sendo instigado a produzir. Percebe-se que algumas atitudes dos servidores mostram claramente suas necessidades de estarem se informando e formando novos conceitos.

Conclusões

Dada a circunstância do projeto estar ainda em desenvolvimento não se pode confirmar que todos os objetivos serão alcançados, muitos encontros acontecerão ainda, é requisito que o entusiasmo, o desempenho e a frequência dos cursistas permaneçam, aí sim, ter-se-á a certeza que o projeto alcançou, com êxito, o seu produto final que é o atendimento de qualidade para as crianças que frequentam os Centros de Educação Infantil do Município. Assim, Secretaria de Educação e Universidade estariam cumprindo o seu papel e contribuindo para a formação de cidadãos efetivamente participativos e preparados para a vida.

Pretende-se ao final do projeto ter plantado uma semente que possa germinar dentro de cada “educador infantil”, não sendo somente um curso ou outro que irão capacitá-los (servidores) e sim que eles adquiram o hábito, o anseio, a busca constante de novos horizontes que os façam crescer como seres humanos e também como servidor do próximo, e não somente um mero cumpridor de tarefas, mas um educador que tenha vinculado em seu caráter reflexões cotidianas de como lidar com as crianças, da maneira como abordar os pequenos que têm tanto a contribuir para o nosso crescimento moral e intelectual. Entende-se que entre

a realidade e a prática existem algumas barreiras, mas o que se busca com o estudo é transpor e repensar a ação, pois o conhecimento está sempre em transformação.

Referências Bibliográficas

- BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Suzana. Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos. 9ªed. Porto Alegre: Artmed, 1998.355p
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto.Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: Mec/Sef, 1998.3v-103p 86p 269p
- CRAIDY, Carmem Maria;KAERCHER ,Gládis Elise P da Silva.Educação Infantil: pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed,2001.164p
- DEVRIES, Rheta.A ética na educação infantil: o ambiente sócio – moral na escola. Porto Alegre: Artmed,1998.328p
- GARCIA, Regina Leite e orgs.Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro:DpeA,2001.133p
- KRAMER, Sonia e orgs.Infância e Educação Infantil.2ªed. Campinas: Papyrus,2002.280p
- SOLÉ, Isabel; HUGUET, Tereza; BASSEDAS, Eulália. Aprender e ensinar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1999.357p
- ZABALZA, Miguel A.Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.288p
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde e org. Os fazeres na Educação Infantil. 2ªed rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.199p